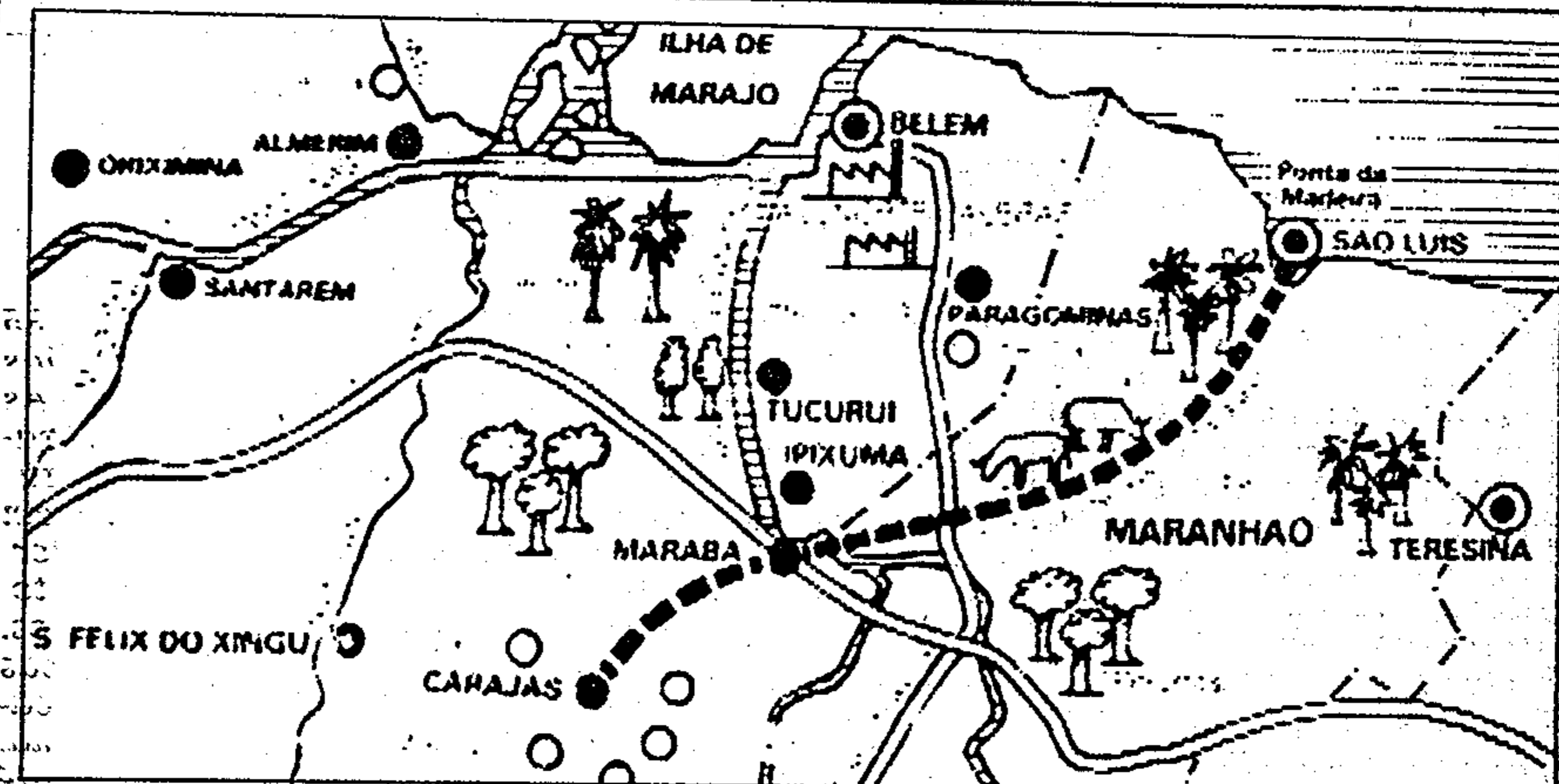


C
POV

O Projeto Carajás, com investimentos de US\$ 3 bilhões, mudou a face do Norte do Brasil

Competitividade e transparência, as causas da eficiência da Vale

RIO AGÊNCIA ESTADO

A Vale do Rio Doce (empresa que detém 70% do movimento atual da Bolsa de Valores do Rio) é uma estatal eficiente porque sua sobrevivência depende de uma disputa no mercado internacional de minério de ferro muito duro e competitivo, além de ser uma sociedade anônima que precisa ser transparente para seus quase 46 mil acionistas privados que a vigiam constantemente e exigem resultados, segundo o superintendente de Finanças da área nacional da CRVD, Wilson Nello Brumer.

Detendo 25% do mercado externo de minério de ferro, o Brasil enfrenta a concorrência feroz de países como Austrália, Canadá, Índia, e Suécia. A participação da Vale nesse mercado é de 16,5%. Mas o ferro está deixando de ser a única fonte de lucro da Vale. O lucro líquido da empresa até setembro foi de Cr\$ 2,2 trilhões, dos quais Cr\$ 901 bilhões obtidos em outras áreas como alumínio, celulose, navegação, reflorestamento, bauxita e serviços.

A Vale dá muita importância ao mercado de capitais, onde nos últimos cinco anos captou cerca de US\$ 500 milhões, mediante subscrição de ações ou de debêntures conversíveis, com toda a crise que a economia brasileira atravessa, segundo Wilson Brumer. Para um capital acionário de Cr\$ 2,5 trilhões, composto por 30 bilhões de ações, o Tesouro Nacional e órgãos da administração indireta detém 56%, ficando o restante nas mãos do público investidor.

O faturamento da estatal nos nove meses do ano foi de Cr\$ 5,6 trilhões, com lucro bruto de Cr\$ 2,7 trilhões e líquido de Cr\$ 2,2 trilhões, ou seja, um lucro de Cr\$ 73,00 por ação. O valor patrimonial é de Cr\$ 660,00 já superado pelo seu valor de mercado, atualmente atingindo Cr\$ 720/730. Para Wilson Brumer, um dos segredos da grande procura de ações da

Vale nas bolsas é a transparência de sua gestão empresarial e ao permanente contato que ela mantém com analistas de mercado, realizando encontros mensais.

A grande concentração de ações, segundo o superintendente de Finanças, deve-se ao fato de que o mercado selecionou essa empresa como base dos negócios realizados no mercado de opções. Isso porque a CVRD sempre apresentou resultados positivos em seus balanços e mostra boas perspectivas de rentabilidade para o futuro. Outro fator preponderante para essa procura é a tranqüila situação financeira da empresa, com seu endividamento todo equacionado.

Destaca Wilson Brumer que a Vale está investindo US\$ 3 bilhões no Projeto Carajás. Estes investimentos fixos, orçados inicialmente em US\$ 5 bilhões, foram reduzidos pela simplificação do projeto e pelo fato de ser feito com recursos próprios, quase sem encargos financeiros, com pagamento em dia das faturas a empreiteiras e fornecedores. Apesar de 97% dos gastos serem orçados em dólares, os dispêndios são realizados em cruzeiros.

Segundo o superintendente de Finanças, o Projeto Carajás será inaugurado no início do próximo ano, com a previsão de uma produção de 15 milhões de toneladas de minério de ferro ao ano, passando depois para 25 e 35 milhões de toneladas/ano. Parte dessa produção será acrescida às exportações da CVRD e parte substituirá a produção do quadrilátero ferrífero de Minas, onde as minas de Itabira já vêm produzindo com sua capacidade máxima e a CVRD pretende preservá-las.

O total da receita da vale para este ano é de US\$ 1,5 bilhão, dos quais 1 bilhão e 250 milhões de dólares provenientes do minério de ferro e de prestação de serviços. Estão previstas vendas de 54 milhões de toneladas de minério para o mercado externo e de 21 milhões de toneladas

para o mercado interno. O endividamento da empresa para o superintendente de Finanças, de Cr\$ 2 bilhões, não apresenta nenhum problema, porque essa dívida está equacionada no longo prazo e bem diversificada quanto aos credores.

Desse total, explica Brumer, a composição é a seguinte: 760 milhões em dólares norte-americanos, o equivalente a 320 milhões de dólares em ienes; 315 milhões de dólares em marcos alemães, 16 milhões de dólares em francos suíços e 640 milhões de dólares em ORTN. Salienta que a geração de caixa da empresa é de cerca de 500 milhões de dólares por ano, o que atesta a tranqüilidade da Vale para gerir sua dívida.

Em Carajás, além do minério de ferro, a Vale começa a explorar o manganês e celebrou um acordo com o BNDES para continuar suas pesquisas na área do cobre que deverão ser concluídas em 1987, quando se iniciará a produção desse mineral. A empresa está desenvolvendo também com sucesso seu projeto ouro, pesquisas em várias regiões brasileiras, já tendo uma mina produtora, em Araci, na Bahia, onde deverá extrair 600 quilos este ano, segundo informa Wilson Brumer. Além disso, a empresa tem incentivado a participação de empresas privadas — nas quais ela participa como acionista minoritária — em projetos nas regiões de Carajás e do quadrilátero ferrífero, de modo a ampliar seus negócios e otimizar o aproveitamento da infra-estrutura montada. Com cerca de 20 mil empregados, assinala Brumer que a Vale é uma empresa de boa produtividade, mesmo em termos internacionais, em que o empreendedorismo e a política não a influenciam. Funcionário de carreira da Vale disse que chegou a superintendente como todos os demais superintendentes e diretores, porque na empresa existe a perspectiva de promoção na carreira, favorecendo o necessário *sprit-de-corps* entre seus funcionários que vestem "a camisa da empresa".